



# O Gaiato

24 DE JULHO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 714 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## TRIBUNA de Coimbra

Foi uma noite de alvoroço aquela em que mudámos os nossos animais para as suas novas instalações. Para os animais foi espanto; para nós foi causa de alegria.

Os primeiros a mudar foram os porcos. São treze currais e vinte e oito cabeças. Quando os tratadores entram no corredor há uma tremenda sinfonia de vozes berradas.

Depois foram as vacas leiteiras, bois e vitelos. Cada um para seu lugar. A manjedoura chega para todos. Gostaram da cama feita com mato fresco. Pareceu-nos que estendiam a tromba com mais carinho para receber o nosso.

Os últimos foram as galinhas poedeiras, frangos e frangas e pintainhos. São muitas centenas. Já passava da meia noite e nós ainda a tratá-los, não fossem passar fome, sede ou frio.

Temos de criar para ter. Leite, ovos, carne. Muito leite, muitos ovos, muita carne.

Muita saúde, muita economia, muito trabalho, muita felicidade.

Os nossos Rapazes são fruto de muita coisa e de muito raquitismo. Na maior parte são corpos enfezados. Leite, ovos, carne, fruta, alegria.

Os nossos animais são também escola de amor. Ontem nasceu uma ninhada de porquinhos e a vaca nova deu-nos um vitelo. Que lindos!

Os nossos visitantes e seus filhinhos deliram com os animais. As crianças (e até os adultos) querem seres pequeninos. Pequeninos que nos ajudam a ser o que devemos — pequeninos. Hoje veio um grupo da Escola de Formação de Dirigentes da Associação Académica. Quanto eles apreciaram os animais!

Sentimo-nos felizes pelo sacrifício que nos custou a construção das instalações para os nossos animais. É vida.

Padre Horácio

Aconteceu-me ter em mãos motivo — e continuo no tema do Cantinho anterior: duas cartas escritas no mesmo dia, pela mesma pessoa, a dois destinatários diferentes.

Com um tinha havido já um namorico. Tinha havido... — é passado.

«Por isso — escreve ela — não sei com que ideia é que ainda passas por aqui, se tens ideia em mim diz, que ainda estás em primeiro lugar».

Não obstante, para não perder a sorte (como o totobola, mais difícil de ganhar com apostas simples, do que com múltiplas) escreve ela a outro: «Eles (os meus pais) não me estorvam dizem que eu posso falar com quem eu quiser desamento (deve querer dizer desde o momento...) que haja respeito, por isso falo contigo se quiseres(...) Caso te interesse podes vir quando quiseres».

Isto no mesmo dia, a mesma pessoa! Não há dúvida que se trata de um coração largo (!): «se tens ideia em mim diz que ainda estás em primeiro lugar — ao que passou; «caso te interessa podes vir quando quiseres» — ao candidato que se segue.

Ora eu ponho isto a nú para vos prevenir. Prevenir da muita tolice que por aí há e por aí aparece, de salas, ou de calças,

## Cantinho DOS RAPAZES

agora também de calções. E prevenir-vos, sobretudo, dos pais que «não estorvam» meninas que, às vezes, ainda há pouco largaram as fraldinhas. Estes são os grandes responsáveis. E o critério mais seguro para ajuizar dos frutos, será observar a árvore. A mim, inspiram-me muita confiança os pais delas que estorvam, que não encolhem os ombros, «desamento que haja respeito»... É que com esta indiferença e candura, não tardará o momento em que o respeito falte mesmo — e elas não são nada atrasadas em o proporcionar!

Olhos alerta, pois, em primeiro lugar, sobre a família donde vêm as meninas que, porventura, despertem a vossa simpatia. «Casa de pais, escola de filhos» — esta afirmação do nosso Povo diz muito a quem tiver olhos para ver e cabeça para entender!

Depois, observação atenta da candidata ao vosso coração, para além das primeiras impressões — que mesmo em árvore boa pode aparecer fruto menos são.

Depois, ainda, a vossa mútua e fraternal ajuda na verificação da qualidade e merecimento da pretendida.

A signatária das cartas refere este ponto, na dirigida ao de novo:

«... por isso falo contigo se quiseres mas não venhas fazer

pouco de mim, porque eu desconfio que tu venhas mandado por F. (é o passado) porque vós aí conversais todos uns com os outros, sois todos irmãos e o que eu não quero é que venhas mandado de ninguém, porque isto tudo serve de brincadeira para vós».

De brincadeira, não! A sério, muito a sério mesmo, que bom, que certo, se na lealdade de irmãos, o que já tem a dizer algo informasse o desprevenido e lhe evitasse uma observação que nem valerá a pena!

Será que ela tem razão no temor de que o novo apareça mandado pelo velho, «porque tudo isto serve de brincadeira para vós»? Se sim, lamento. Mas continuo a não entender porque, apesar de tal temor, se oferece ela a ambos, se para mais, é verdade o que confessa ao mais antigo: «Olha eu tenho rapazes tanto daí de dentro como daqui de fora, isto é para te explicar a minha vida, um escreve-me de..., outro é de cá da freguesia».

Se não lhe faltam pretendentes porquê gastar ainda o seu tempo e a sua atenção convosco?! Por amor de vós dispensava-a de bom grado!

Mas nem é ainda da cachopada que me é necessário defender-vos mais. É sim das cachopices da maledicência dos

Continua na SEGUNDA página

## Areias do Cavaco

Há tempos, pessoa de muita responsabilidade na governação desceu até nós. Como toda a gente sabe que somos a «porta aberta» a qualquer hora do dia ou da noite, também não fomos prevenidos da visita. Gostamos que assim seja. Vêm a Verdade toda. Não há roupagens a esconder coisa alguma. E o à vontade chega por vezes a tal ponto que nem no W. C. por vezes estaríamos descansados, não fosse uma chave segura. Disto já nos temos queixado aos «ilustres» cicerones destas visitas. É que eles sabem quanto custa esperar. Não querem ver alguém a sofrer com a espera. Correm onde estamos e chamam-nos. E batem até que a porta se abra. São assim os pequenos.

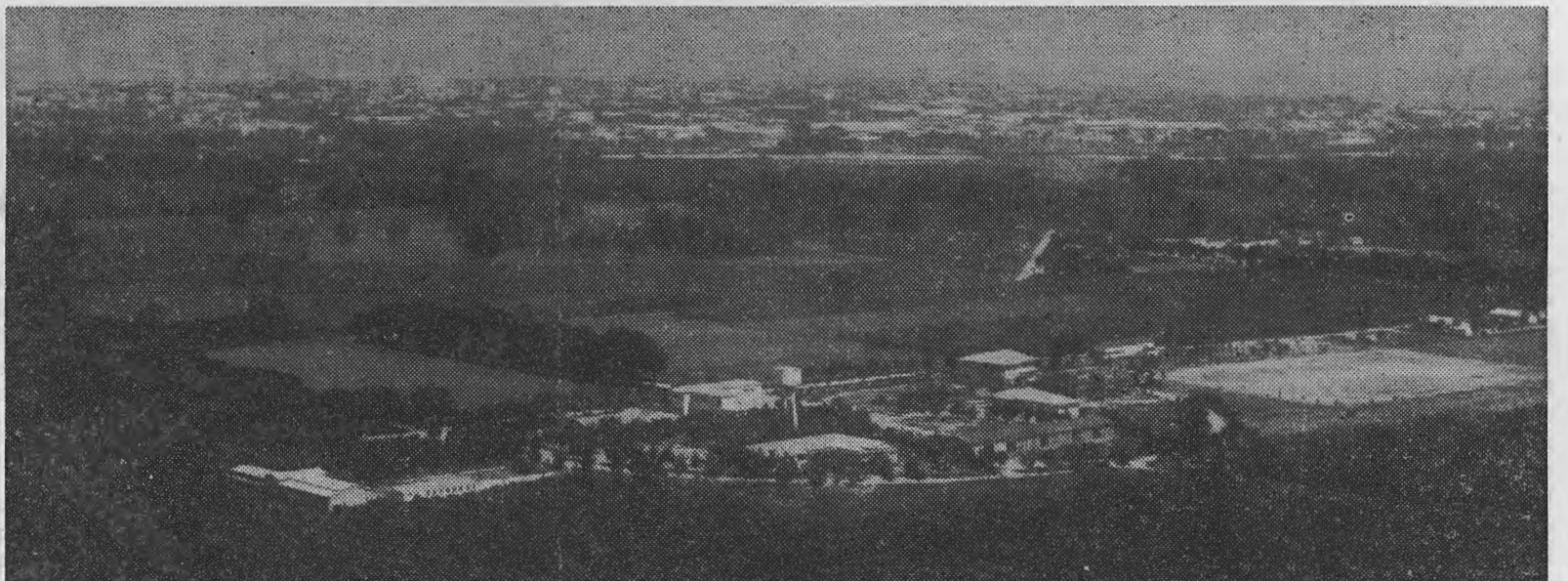
Um exemplo de há momentos: acabei de chegar de fora, de marcar três consultas no hospital. Precisava de me con-

centrar um pouco para escrever estas notas da nossa vida.

Fechei-me no escritório. Peguei na caneta. Batem à porta.

Não falo; não digo nada; nem que entrem nem que saiam.

Continua na QUARTA página



Em primeiro plano, a Aldeia. Ao longe a linda cidade de Benguela.



Todos os dias, neste tempo, os «almeidas» cá do sítio iam à mata por codeços para fazer vassouras, instrumento da sua função. Eu andava admirado! Será que as vassouras se consomem tão depressa, que todos os dias há que renovar o stock? Mas ainda não tinha dito nada, assoberbado como ando na parte da nossa vida que intransmissivelmente me pertence!

Pois a bomba explodiu!

Anteontem Serafim apareceu-me com um dos vassoureiros pela mão; na outra o chapéu do respectivo cheio de pêssegos ainda por acabar a maturação.

— «Está a ver?!» — bufava o Serafim — «Já proibi de ir à mata fosse quem fosse. Quem precisar de codeços pede e eu dou».

Foi então que eu percebi. Os codeços eram o título daquelas excursões à mata. As excursões forçosamente passavam à beira dos pomares. O resto já se sabe!...

Pois acabaram-se os codeços... e os manhosos, agora, «afiam o dente» à espera dos pêssegos madurinhos que a seu tempo serão regalo para todos.

x x x

Este ano, porém, as aventuras da fruta foram iniciadas por cultivadores inéditos. Foram cultivadores de saias: as meninas da Telescola que, à



# VISTAS DE DENTRO

saída, ou no recreio, resolveram fazer uma prova às ameixas que há ao lado da cabine do transformador.

A malta aferroou: — «Então elas é que têm o proveito e nós é que vamos ficar com as culpas?...» Aferroou mesmo; e nada menos a Senhora Professora, que me apareceu aí com a turma atrevida, a pedir justiça. Eu disse e disse, mas não sei se a doutrina pegou... As caras não me revelavam receptividade por aí além! Vamos a ver pelos frutos futuros, se pegou ou não.

x x x

Outra moda. Dessa só ontem dei fé. Foi a seguir ao jantar, naquele intervalo que precede o Terço.

Eu estava ainda no refeitório e ouvia grande grazinada, seguida de muitas palmas. Fui ver. Eram o «Juiz da Fome» e o «Barba-na-Testa», jogando o pau como creio o fazem os

Pauliteiros de Miranda. Em volta um grande ajuntamento de mirones, que seguia interessado e aplaudia alegremente.

Depois veio o Paulo, a pedido de vários. Percebi que era ele a «estrela» deste desporto!

Ora aqui está a alegria de muitos feita de coisa pouca, mas feita por eles mesmos.

Recordo aquele testemunho registado por Pai Américo de um senhor brasileiro, membro de uma instituição afim da nossa: — «O que nós lá gastamos em brinquedos caros e eles não têm alegria semelhante!»

E lembro o que há pouco li de um pedagogo encartado, a propósito do tempo de ócios: «Afirmo que a sociedade tem desesperadamente necessidade de ver indivíduos criadores conduzirem-se de maneira criativa. A educação tradicional tende a formar indivíduos conformistas, estereotipados, que acabaram a sua educação — em

vez de pensadores livres e criadoramente originais. Também nos ócios as distrações coletivas e passivas sobrepõem-se, de maneira esmagadora, às atividades criadoras».

Ora de tal me parece poder concluir que a nossa vida não está tão desactualizada, como alguns quereriam!

x x x

Hora do Terço. A malta dividida pelas escadas da Capela e pelas das Escolas, consoante as idades. É o coro dos «baixos» e dos «barfatos», mais dos «sopranos». É uma hora bela. Eu creio que aqueles dos nossos que amanhã, nos seus

lares, não desperdiçarem o admirável potencial unitivo que é a oração em comum, não de rever estes momentos de agora com olhos diferentes e sentirão saudades.

É a hora dos avisos. É a hora dos «tribunais»! Estes, se às vezes são dolorosos, outras são risonhos. É, sobretudo, a hora da grande confraternização em que toda a família se junta. É um prejuízo a falta de algum, um verdadeiro e mútuo prejuízo, mesmo que se não dê conta.

Embora estejamos nos dias longos e haja sol ainda, é frequente cabecearem os mais pequeninos, que estão, não porque rezem, mas porque a sua presença integra a comunhão familiar, até quando com suas atitudes distraem os mais velhos.

Ontem era o «Batalhão» ao pé do Zé Manel «Marmelo». «Batalhão» adormeceu. «Marmelo» passou-lhe o braço pelo ombro, tomou-lhe o rosto em sua mão e encostou a outra face à sua.

Eles foram o meu Terço de ontem. Ó beleza, com que louvei a Beleza!

## Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA Página

adultos, que se comprazem em afundar e denegrir seja quem for, muito especialmente se for dos nossos.

Não falo de cor. Ainda há bem pouco por aí se levantou de vós e contra vós uma calúnia grave, crânice de quem a si-mesma se infamava. Pois a voz dos faladores já corria, sem cuidar primeiro de averi-

guar o fundamento da notícia. De verdade, claro que nem ponta, graças a Deus! Merecessem essas vozes que nos detivéssemos perante elas e haviam de pagar caro a sua levandade! Bastam estes minutos de que me foram ocasião para vos pôr mais uma vez alerta a respeito de uma campanha surda e baixa começada há quase trinta anos, quando Pai Américo teve o arrojo de trazer para aqui a Crápula.

## TRABALHO e Formação Profissional

1. Na Obra da Rua o Trabalho é pão nosso de cada dia; mais ainda: espiritualmente, um dos principais factores de transformação do Rapaz como homem útil à Sociedade; enfim, o Trabalho é rei!

2. Temos oficinas-escolas. Melhores ou piores — atendendo a vários condicionais. E geridas, tanto quanto possível, pelos próprios Rapazes. Esta norma, ensaiada e expressa por Pai Américo, na prática tornou-o pioneiro de métodos de participação acti-

va, de auto-gestão; ainda longe de serem uma realidade no mundo do trabalho, no País.

3. Os sectores de formação profissional da nossa Obra requerem, como é naturalíssimo, ocupação; a confecção de serviços indispensáveis à aprendizagem prática. Uns, destina-

Padre Luís

P. S. — Precisamos dum cofre para as oficinas novas. Não haverá por aí algum esquecido e sem utilização?

Aqui Lisboa

Estamos no tempo mais adequado para as férias. As praias e outros centros de veraneio regorgitam de gente. Até as aldeias mais recônditas vêem chegar uma animação e um movimento que já lhes não são habituais, com a presença dos seus naturais ou afins, vindos de dentro ou fora do País. A um período de trabalho e de esforço é justo e necessário que se siga outro de repouso e de descontração, em que se recomponham as energias perdidas e se armazenem outras em ordem à vida normal. Trata-se, pois, de um elemento de direito, que todo o homem deve usufruir e bem utilizar.

Infelizmente nem toda a gente goza férias. O facto de a elas se ter direito não implica, na prática, que se possam gozar. Há agregados familiares com reduzidas possibilidades económicas, de forma a poderem suportar o acréscimo

de despesas que elas comportam. Suspender o trabalho e viver encafuado no mesmo local onde habitualmente se reside não é equivalente a usufruir anualmente um período de distensão física e psíquica. Será indispensável, pois, dar exequibilidade ao direito em causa. A concessão de um subsídio para o efeito deverá ser geral, a começar pelos funcionários públicos. Aqui, como noutros aspectos, ao Estado cabe o exemplo. Legislar para os outros é cómodo e demasiado fácil. A abertura, por todo o território, de locais de veraneio ou de repouso, por outro lado, é indispensável, sem esquecer, todavia, condições acessíveis de frequência para o comum das gentes, em conformidade com os seus créditos concretos.

Se nem todos podem gozar férias, outros há que as desbaratam; e um período que deveria ser de reparação e de enriquecimento espiritual, acaba por ser, tantas vezes, de maior dispêndio físico e de sensível depauperamento moral, sobretudo para os jovens, por ausência de pais e educa-





# Lar Operário em LAMEGO

Consegui em duas escassas semanas, começando na 2.ª feira dumã e terminando no sábado da outra, encaixar «quinze dias» passados em «cura de águas». Valeu mais que nada.

Nas termas cruzámo-nos com pessoas de várias idades e condições. Com umas mais sociáveis, outras menos, há ocasião para dizer quem somos, onde moramos e qual a ocupação ordinária. Naquela hora foi uma pessoa formada e com responsabilidade no meio em que vivemos que ficou admirada quando lhe disse que as Casas do Gaiato estavam cheias de rapazes. Mostrou mesmo mau semblante no momento em que lhe afirmei que se houvesse mais lugares, mais Rapazes entrariam. E agora, virando-se o feitiço contra o feitiço, sou eu que o fixo sem atinar com a sua admiração. Foi então que o dito senhor, muito senhor dos seus conhecimentos, tentou dar uma explicação: «É que o nosso meio evoluiu duma maneira extraordinária! Agora os ordenados são bons; — há calças para tudo; — há a emigração, etc. etc. Que necessidade temos das

Casas do Gaiato? Para recolher quem?»

Senti um formigueiro como de choque eléctrico e deu-me vontade de lhe dizer que descesse das nuvens, pisasse bem a terra. Dominei-me e chamando-o para um lado comecei a desfiar. Os pedidos para admissão de Rapazes nas nossas Casas assentam nos mais variados motivos.

Alguém escreve a pedir por um menino que tem pai, mas é muito ébrio e há muito que a mãe fugiu com outro homem. Hoje o correio traz outra carta com outro pedido dizendo que a criança é filha de pai incógnito e a mãe acaba de casar e o padrasto não o tolera. E estas cartas são às dúzias. Amanhã e sempre, e diariamente vêm pedidos para receber crianças que foram abandonadas pelo pai e a mãe ficou com vários filhos sem os poder sustentar.

Podíamos ficar por aqui e não falar das crianças que ficaram orfãs ou cujos pais estão inutilizados pela doença, ou pela velhice. E rematei o meu arrazoado com a frase que um dia me disse o P.e Ho-

dos à satisfação de necessidades próprias da comunidade; outros, utilíssimos complementos da formação, solicitados directamente por Amigos que pulsam connosco.

Não poderíamos dar-nos ao luxo — ia a dizer ao pecado — de executar para, depois, inutilizar e destruir...

4. Num ou noutro sector, acessoriamente integrados em economia de mercado — com valores materiais irrisórios, que não estancam as veias a ninguém... — estamos sujeitos às consequências, às discrepâncias.

Discrepâncias... O que teríamos para revelar!, já que, por lealdade, procuramos alinhar por padrões justos — e estabelecidos pelos próprios empresários — para não causar moosa.

Um caso, entre muitos, relacionado com a nossa Tipografia de Paço de Sousa:

«Recobi a s/ factura. Achei um pouco caro. Mandei saber preços à tipografia d'aqui e deram-me os preços mencionados nos impressos que juntamos...»

Conferimos o preço cuidadosamente. Não especulámos. Pois cingimo-nos à tabela de preços mínimos — aconse-

lhada por industriais competentes.

Por isso, esclarecemos o Amigo em referência. Como temos esclarecido outros pelo mesmo motivo.

Não referimos já o problema dos orçamentos... Felizmente em decréscimo nos últimos anos.

Por ser justa, a nossa posição é delicada. Mas aceite pelos verdadeiros Amigos.

5. Lemos, com interesse, recentes afirmações sobre problemas da Indústria Gráfica. Oportunas acções de esclarecimento e mentalização. Rejubilámos. Ainda que entristecidos por intervenções gratuitas. Afinal, onde está o mal?

6. Apesar de várias limitações, continuamos interessados e ocupados a dar aos nossos Rapazes a melhor formação possível; e, à Indústria, operários cada vez mais qualificados e motivados para a conjuntura febril que é apanágio da época. Um serviço que não há bem que o pague; um serviço de que se esteve alheio (e está...); um serviço indispensável à sobrevivência da Nação, e do qual nem todos os directamente interessados dão fé e sabem avaliar com equidade!

Júlio Mendes

rácio, de Coimbra: «Abra-se hoje mais uma Casa do Gaiato e amanhã não terá um lugar vago». Fiquei tristemente vitorioso e o dito senhor ficou pensativo. Procurei depois suavizar a conversa e fui dizendo que existiam ainda aqueles que egoisticamente tentavam internar crianças para mais tarde e com fins lucrativos as virem buscar. Agora com 4 ou 5 anos não têm família, é uma caridade recebê-las, ou veja se daqui se faz um homem. Mais tarde, terminado o tempo escolar, e quando o rapaz mais precisava de quem o amparasse, porque já pode ganhar, aí vêm familiares reclamar direitos de sangue e exigir novamente o menino.

O diálogo terminou com a ideia bem exacta do valimento das Casas do Gaiato, porque são ainda muitas as necessidades existentes apesar da nossa sociedade tão «evoluída».

Padre Duarte

## 28 de Julho

É o nascimento sacerdotal.

Pai Américo gostava de contar os anos a partir deste dia de 1929. Para trás ficavam quase 42 anos, no seu entender, desperdiçados.

Eu não entendo assim. Na história dos homens de Deus não há desperdício. Há a preparação, há a maturação... Depois, será a colheita que os outros irão realizando pelo tempo em fora.

Para Deus não há cedo nem tarde. A hora d'Ele é a hora certa, o «tempo oportuno».

Na nossa limitada linguagem e no nosso gosto de classificar, é que falamos em vocações tardias. Afinal, seriam mas era prematuras, se não eclodissem naquela hora Providencialmente marcada.

Quarenta e dois anos de preparação. Depois, vinte e sete de sacerdócio pleno!

Trinta viveu Jesus escondido. E só durante três Se deu à revelação do Reino.

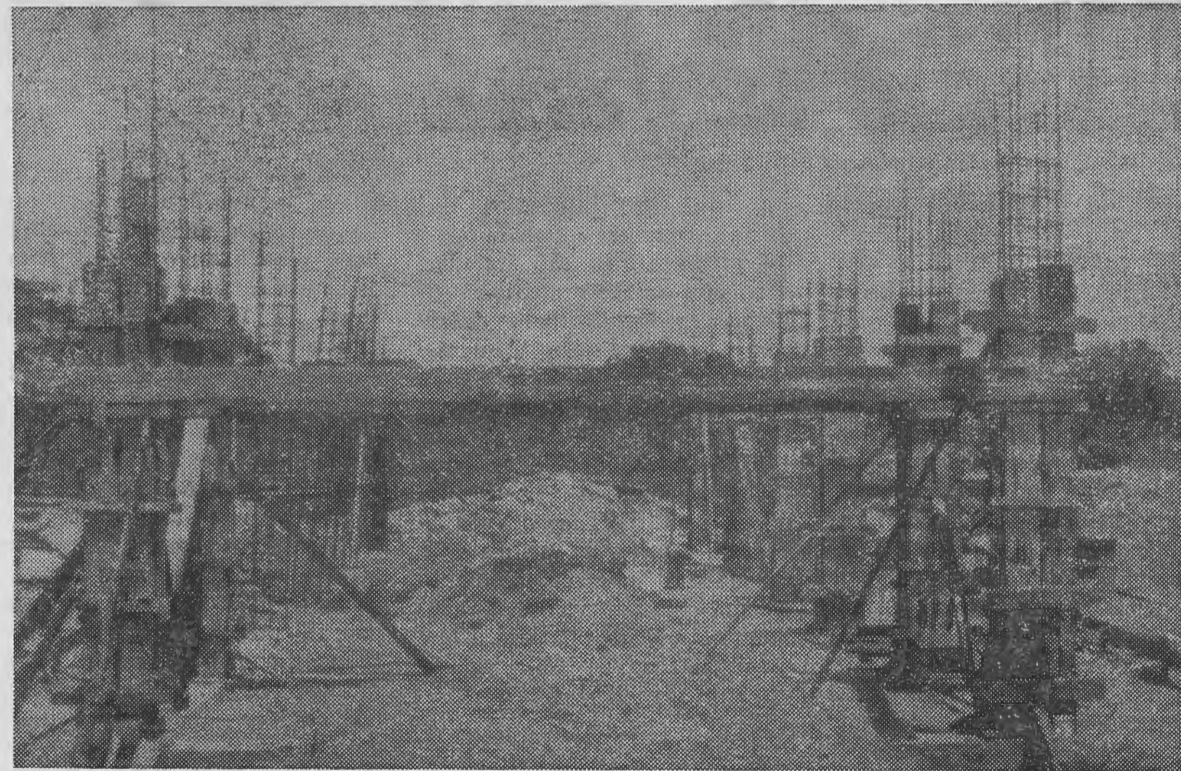
Pois não é o discípulo mais do que o Mestre.

# LOURENÇO MARQUES

A Escola é o alicerce da instrução e educação de um Povo. Para os nossos vizinhos, a quem desde o princípio abrimos a nossa, é caminho sério e decisivo para a sua integra-

de arranque da formação dos nossos Rapazes. Quantos deles aqui chegaram e chegaram em idades e hábitos que irremediavelmente os afastariam de alcançar a instrução primária.

nós para assinalar o acabamento das obras, para as quais nos ajudou com 130 contos e alguns materiais, a família daqueles que este ano a frequentaram, esteve presente em



LOURENÇO MARQUES — Parte da enfermaria. Hoje está com paredes e assenta-se madeiramento para a placa.

ção social e civilização, que virá a seu tempo. As suas faculdades intelectuais são ainda campo inculto, mas certamente tão capazes como as zonas férteis dos vales dos grandes rios desta terra, para que tanto se vai olhando hoje.

Não podemos duvidar que vamos surtir energias e potencialidades informes, que nas próximas gerações atingirão a sua forma madura e valor real, como as pedras mais preciosas arrancadas ao solo.

Particularmente para a Casa do Gaiato, a escola é uma realização não só importante mas indispensável, pois, é o motor

Procurámos que o edificio ficasse não apenas funcional e com função até extra-escolar, como o sector de formação doméstica para as raparigas, mas demos-lhe para além da sobriedade e dignidade das linhas, um aspecto leve e atraente. É a nossa Escola. Para os Rapazes da Casa do Gaiato não é o único bem a usufruir nesta Aldeia que estamos a levantar, mas podemos dizer sem exagero que, para os restantes, é o único bem que possuem. Como não há-de gostar dele!

Por isso, quando uma representação do Lions Clube de Lourenço Marques, veio até

agradecimento. Foi uma cerimónia simples e breve, pois, como nos foi dito, não-de continuar a acompanhar-nos. Assim esperamos de coração agradecido e com a alma toda entregue à tarefa que nos propomos.

Padre José Maria





Pequenina a Procissão de hoje! Por onde andam os devotos, que rara é a cara nova que se topa e nem sequer muitas das antigas?! E esta saída a meio do ano vai esperar pela próxima no terminar dele. Entretanto andarei por Africa. No regresso como não será a montanha das cartas em transe de resposta...? Que me não falte com que responder-lhes, já que deixo os fundos mesmo secos, como é próprio do calor que vai. Porém, não esquecer que atrás do calor vem de novo o frio e é agora o tempo propício de o prevenir com o abrigo de mais telhados que se hão-de ir construindo.

Abre P.e Horácio com a notícia de 10 contos em Coimbra para a «Casa de meus Pais», 12.500\$ na Festa da Anadia e 3000\$ na da Covilhã. Os nossos Rapazes do Centro suaram por esse País além, mas também para as casas dos Pobres arrecadaram.

Para a Casa dos Licenciados, do mesmo de sempre 150\$ e o desabafo: «ficará por concluir na impossibilidade de viver o suficiente para poder assentar os tijolos suficientes. Mas, enquanto puder, irão indo...»

Passamos agora a outro grupo de onde, certamente, virão a sair também licenciadas: As Alunas do Liceu Rainha Santa



# AGORA

Isabel com mais uma dúzia (já não sei em quantas vão...!) E 4.000\$00, das Alunas da Escola Gomes Teixeira, secção vizinha do nosso Lar.

Seguem os Avulsos: 200\$ «pedindo uma A. M. por esta pecadora». O resto da assinatura da assinante n.º 1941. 250\$ de M. B. R. (e outro tanto pró «Calvário»). Um tijolo de 20\$, do Porto. E 100\$00 para um caso referido em Areias do Cavaco. 100\$ de «uma portuense qualquer» para a Casa de N.º S.a do Carmo.

Vêm agora os Pessoais; os mesmíssimos de há muitos anos. Três vezes 141\$00 do Pessoal da ex-HICA, agora da C. P. E. Ai como por lá anda baixa a tensão!! O Pessoal do Grémio da Panificação somou 357\$50 em três promessas. E o da Caixa Têxtil juntou 876\$ relativos a Abril, Maio e Julho.

Como felizmente vai sendo geral a compreensão da doutrina exposta várias vezes so-

bre as casas com nome e com placa, muitos destes mantêm o nome apenas por referência, mas passaram-se pró grupo dos de todos os meses. Por isso é este o mais numeroso, hoje.

Da R. Alexandre Herculano, Lisboa, 250\$. De D. Bertha, quatro presenças de 20\$ (e outrotanto pró «Calvário») e um reforço prás amêndoas na remessa da Páscoa. Berta e Jorge, 3x100\$. Maria, dc «Pequeno Louvre» 2x20\$. «Major do Silêncio» 3x60\$. Assinante 6790, 3x100\$ + 150\$00 e o recado: «Pelas minhas contas andarei próximo dos 20 contos, que julgo ser aproximadamente — o que custará uma casinha. Contudo, para prevenir qualquer erro de cálculo ainda continuarei a contribuir até final do ano. Depois se verá o que é possível fazer». Esperamos que terá tomado o gosto e sem fazer cálculos, irá fazendo o que fôr possível.

De Ois da Ribeira 200\$ mais

50\$. Da mãe do Rui os 20\$00 que acompanham a missa por alma dele.

Fechamos com os das casas a prestações: 2.050\$00 da CAT da G. N. R. — Ajuda — Lisboa. É a última prestação de Isaura. Doutra que começa com 1.000\$00, «por alma do meu falecido marido». É de Luanda.

Mais 500\$ para a Casa N.º S.º da Boa-Hora. Este já foi de Moçambique. Agora é do Porto. Segundo Júlio me informa, vai esta casa em 13.860\$00 De «Arefinha», 110\$. Assunção, 2 vezes 1.500\$. Prá Casa de meu Pai, 3x150\$. É novamente a Beira, do Índico.

Mais 500\$ para a Casa das Três Marias e Rosarinho. «É enviado em acção de graças por o nascimento de uma netinha e pedindo a Deus que desde o berço a proteja e a marque para que com a Sua ajuda ela venha a ser Luz do Mundo e Sal da Terra e que toda a sua vida, longa ou curta, seja para Glória de Deus.

Sempre o mesmo desejo a acompanhar-me de saber um

dia as minhas casinhas construídas e habitadas por duas famílias de Irmãos.

Pede a Deus por todos vós a amiga...»

Ó carta! Se a devoção da Mãe era grande, que não será a da Avó, que é Mãe duas vezes?!

Mil para a Casa dos Estudantes, que segundo as nossas contas, com ele atingiu a marca dos 5.500\$. É outra Mãe, a quem um filho acabou este ano o curso e queria ter uma casinha pronta no final do curso dos outros.

Outros mil para a Casa da Tia Lal e cinco vezes mais da Maria do Céu.

Termina outro principiante. Damos-lhe a palavra:

«Até que enfim vou começar a erguer a casinha que a Deus e ao nosso grande Pai Américo, prometi oferecer a um irmão ainda mais pobre, se Deus me desse a felicidade de pagar a que fiz para mim.

Então pensei nos iniciais 12.000\$. Sei bem que com essa importância nada se pode fazer por mais modesto, mas vou fazer por enviar mais alguma coisa, talvez uns 20.000\$.

Pagamento!!!

Encarregar-me-ei de enviar sempre que possa, fazendo sempre referência ao já enviado e com o título para a casa do «David».

Junto envio 1.000\$00».



Cont. da PRIMEIRA página

Mas a porta abre-se e com esta notícia: «já arranjámos sítio para defumar os chouriços». Daf a momentos outro aparece com as mãos presas aos maxilares: «Tenho um dente furado, leve-me ao hospital». E abre a boca para que eu veja. E outros... e outros. São deliciosos estes momentos.

Mas vamos ao assunto principal desta crónica. Tivemos a visita de um membro da governação provincial. A vida da Casa corria normalmente, como em outros dias. Não fomos prevenidos. Os mais pequenos faziam os trabalhos de limpeza dos terreiros. Os cozinheiros na cozinha. Os da escola no seu lugar. E os das oficinas também. Dois pequenos, um nativo e outro branco, de vasoira na mão, prenderam a atenção dos visitantes que fizeram este comentário ao quadro que tinham diante de si: «Os americanos deviam estar aqui neste momento a observar esta cena, para não dize-

rem que as fotografias dos jornais onde aparecem homens de várias cores, são forjadas; são uma criação artificial do Estado português para defender a sua política». E acrescentaram, voltando-se para nós: «Há harmonia em vossa Casa?» E por que não? Somos 110, de todas as idades e de todas as cores. A Paz assenta no respeito pela dignidade da pessoa; assenta na Justiça e na Caridade, independentemente da sua cor. São valores fundamentais a respeitar, seja a que nível fôr.

x x x

Temos o sector da rouparia que não tem mãos a medir para dar conta de mais de duzentas peças de roupa todas as semanas. Há tempos, por incumbência do referido sector, o Paulo falou na necessidade de uma máquina de costura zig-zag que faz muita falta e poupa muitos passos à Senhora. Mesmo que fosse usada, mas em bom estado, servia. Sabemos muito bem que por vezes algumas donas de casa, fartas de olhar para a mesma máquina, compram outra nova. E a nossa rouparia poderia ser o destino da máquina usada. Deixamos a lembrança.

E aproveito para falar do meu receio em entrar na alfaiataria. Não me deixam em

paz. Precisam de mais máquinas porque têm muito trabalho de fora. Aqui o perigo é maior, pois precisam de uma máquina industrial que custa muito dinheiro. Vamos ver como conseguiremos descalçar «este sapato».

x x x

Do que nos dão — É consoladora a presença de um grupo de bons amigos da Obra para quem nem o tempo, nem a distância são motivo de cansaço. De Benguela há muito que nos habituámos à presença do amigo da C. P. 102, com 50\$00 mensais; a um vendedor de «O Gaiato» 120\$00; mais 500\$00; de Novo Redondo 250\$, com a recomendação de que «o meu nome não conste em lado nenhum»; em minhas mãos 500\$00 numa das ruas da cidade; mais 50\$00 para o nosso pão, à porta da Igreja; lembranças com o pedido de duas missas por alma de Leonel; 50\$ da Maria Luísa; mais 400\$ de Benguela; 150\$, da Catumbela; do Lobito, 90\$00; de novo Benguela, pelas mãos de quem muito nos quer e sufragando a alma de seus familiares 2.000\$00; outra vez Lobito pelas mãos da D. Odete 220\$ para o «pão do gaiato»; e 20\$ de Lúcia. Catumbela volta com 200\$00; 100\$ e roupas pelo Zé Luís; da Zélia, 100\$ e 550\$ da Catumbela. Ganda está presente com 3.950\$00; e a Maria Luísa com 600\$ para a assinatura e o mais que fôr preciso. E, finalmente, em nome de «Presença da Catumbela» 200\$00, fruto do trabalho de um grupo de amigos que se propõem mensalmente vir até nós.

P.e Manuel António



Gissol é o nosso amor mais pequenino. Tem quatro anos. Foi encontrado à beira dum rio prós lados da Lunda — como raro diamante solitário... No primeiro dia sentiu-se perdido no meio da malta; não chorou, nem sorriu. Pouco a pouco foi caindo nos braços de todos, pois todos o querem e disputam. Come ao meu lado, devagar, limpo e sempre com apetite aguçado. Fala pouco, porque nenhum de nós fala o quioco, e assim, vai ele aprendendo a nossa fala.

Não o trocamos por todos os diamantes do mundo! Que meditem todos aqueles que, por dinheiro, pisam os direitos dos outros, quase sempre, dos mais pequenos e pobres.

\*\*\*

Veio também o Jorge Manuel, de 8 anos, todo afinado e polido. É da Gabela, mas estava a viver na Cela. A mãe, quando ele nasceu, era uma menina pequena. E não disse a ninguém quem era o pai... Na certidão lá está o incógnito, que acompanhará o Jorge como sombra — sempre e para toda a parte.

\*\*\*

Chegou a hora dos arcos! Uns, de barril; outros, de ara-

me; alguns, de tampas de latas; e ainda, arcos de rodas de bicicletas. Fiquei intrigado com estes últimos e perguntei quem tinha arranjado: «Foi o Cupa, foi o Cupa, todos eles».

— Negócios, Cupa?

— Deram-me.

— Tantos?

— Deram-me.

— Quem?

É melhor ficar por aqui, o Cupa está a ficar atrapalhado.

Mas, é formidável! Eles e mais os arcos pelas ruas da Aldeia — livres e felizes como andorinhas!

Não há bem no mundo que se iguale à felicidade duma criança.

Tenho tanta pena de tantas crianças: — só livros e brinquedos que enfastiam!

Um arco, um arame, uma rua sem automóveis, joelhos esfolados e uma camisa suja.

— Marcelino, deixa o arco lá fora.

— Tiraram-mo.

— Bem.

Padre Telmo

Visado pela

Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE